

AUTONOMIAS TÁTICAS: Criatividade, liberação e inserção profissional juvenil no Rio de Janeiro¹

Maria Isabel Mendes de Almeida
PUC-Rio – Universidade Cândido Mendes
Fernanda Eugenio
PUC-Rio – Universidade Cândido Mendes

Desde 2008 nos dedicamos à pesquisa das transformações no entendimento e no exercício da criatividade entre jovens em processo de inserção profissional nas mais diversas áreas artísticas e empresariais da cidade do Rio de Janeiro, tendo como território de investigação não um grupo em particular, mas um modo de operação que atravessa práticas diversas – e que acompanhamos com etnografia, encontros e conversas, buscando captá-lo por “rastreamento descritivo” (Latour, 2005). Trata-se de um funcionamento que atua por *liberação* e por “astúcia”, posto que tem de se negociar enquanto processo de subjetivação flexível em um cenário contemporâneo de “sociedades de controle” (Deleuze, 1992). Este cenário, pautado pela captura dos valores da criatividade, da imaginação e da ludicidade, orienta-se pela lógica cada vez mais conexional e rizomática do capital, em um processo pelo qual os ingredientes do caldo de contestação contracultural dos anos 1960 e 1970 teriam se convertido, entre os anos 1980 e 2000, em valores *mainstream* (Boltanski; Chiapello, 1999). Desenha-se assim, como nova normatividade, o movimento de contaminação recíproca entre criatividade e produtividade.

Ao lidar com este contemporâneo mundo do trabalho, os jovens

¹ Resultados parciais da pesquisa “Profissionalização da Criatividade, Criativização da Profissão: Juventude, Construção de Si e Desempenho Profissional no Rio de Janeiro”, empreendida pelo Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Cândido Mendes (CESAP-UCAM), com financiamento da FAPERJ e em parceria com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL).

pesquisados acionam um funcionamento que se aloca na própria *tensão* da solução contingente de um duplo desafio: extrair prazer da profissão e assegurar a estabilidade financeira. Vêm-se, assim, às voltas com um modo de operação que chamamos de *consequente*. Percebemos entre os criadores com quem convivemos o acionamento de uma tática do “viver junto” (Cf. Barthes, 2003) colaboracionista e de uma lógica de fabricação contingente de esboços – ao invés da orientação por planos e metas. Através da não-sonegação da informação, do compartilhamento e da explicitação de procedimentos, coloca-se em marcha um jogo astucioso, capaz de ensaiar, a cada vez, o drible da competição e da normatização, orquestrando a criatividade e negociando com a pressão do tempo. Emerge, aqui, com clareza, o valor atribuído à “iminência” (Canclini, 2010) e ao “acontecimento” como ingredientes no refazer incessante de uma “circunstância de imunidade” (Sloterdijk, 2006) em relação aos enquadramentos duros ditados pelos modelos do mercado de trabalho.

O “virar” e a autonomização do fragmento: o funcionamento por projetos

Slash é o nome do sinal gráfico de uma barra diagonal, utilizado em endereços *web* e também para indicar múltiplas habilidades ou funções acumuladas por uma mesma pessoa: advogado/chef de cozinha; historiador/curador/DJ; produtora cultural/atriz/bailarina etc. Seu uso cada vez mais frequente entre os jovens cariocas sinaliza um funcionamento profissional que se dá por sucessivas “migrações” ou acúmulos de habilidades e ocupações exercidas em simultâneo, em vez da lógica da carreira progressiva que forma o especialista.

A formação disciplinar e enquadrada institucionalmente em espaços fechados, desenvolvida na duração, e entendida como etapa prévia e preparatória para o exercício da profissão, tende a dar lugar a um procedimento bem sintetizado sob a ideia do “virar”: um aprender enquanto se faz, fazer-aprender, aprendizado ininterrupto, fora de quadro, que acontece em simultaneidade com o exercício profissional². Por um lado, a formação prolonga-se infinitamente e carrega a

² Tais mudanças não configuram, evidentemente, um descarte da formação escolar. Convivem com ela, solicitam-na com maior ou menor rigor a depender da área de atuação e mesmo afetam-na e transformam-na. É de se notar, por exemplo, a recente tendência na formação universitária a acrescentar a ideia de “domínio adicional”, que permite ao aluno “personalizar” seu curso, “contaminando-o” com temáticas de outras áreas e permitindo uma formação menos dirigida e especializada e mais multacentrada e aberta. Por outra, há também uma crescente ênfase na dimensão técnica da formação nas universidades, ao mesmo tempo em que proliferam formações de curta duração fora do âmbito universitário. No mundo do trabalho percebemos retenções acentuadas da noção de especialista e carreira, que norteiam talvez a maior parte das profissões, mas ao mesmo tempo também vemos surgir empresas menos verticalizadas e algumas em que os profissionais trocam de função a cada projeto.

dimensão perversa da “formação permanente”, característica das sociedades de controle (Deleuze, 1992). O critério da “empregabilidade” que emerge com a valorização do “trabalho imaterial” (Lazaratto, 2006) atrela-se a uma importância dada a estar sempre “atualizado” e a colecionar capacidades diversificadas: desenha-se uma vertigem de obsolescência de saberes, técnicas e conhecimentos e um fantasma sempre presente de sua descartabilidade iminente (Negri; Hardt, 2005; Sennet, 2009).

Por outro lado, diluem-se os percursos modelares e as etapas obrigatórias e a habilidade deixa em grande medida de ser afiançada pelo diploma para tornar-se diversamente acessível e valorizada, antes, na mesma proporção da via idiossincrática pela qual tenha sido adquirida. O processo e a experimentação emergem como lugares de habitação possível: o “entre” e o “meio” nos quais crescem as “funções criativas” e decresce a “função autor” (Deleuze; Parnet, 1998). Permitir-se, como diz o consultor e criador de marcas publicitárias Guilherme, “não ser ‘o cara’, o especialista que sabe tudo sobre uma coisinha só”, mas sim “experimentar coisas novas, ter uma formação abrangente, diversificada, do ‘não sei quase nada sobre tudo ao mesmo tempo’; deixar pra destinar depois aonde você vai”. Aprender com amigos, experimentando com programas de computador ou outras ferramentas tecnológicas, colaborativamente, por tentativa e erro e processualmente, no estímulo situacional de uma oportunidade ou de um interesse... – tudo isso se abre como possibilidade para virar trabalho, libertando-se do “dique” do passatempo ou do *hobby*.

Além de apontar para um processo de subjetivação *lococentrico* (Berque, 2000) e ilimitado, que acontece por espalhamento e abertura, o fenômeno do acúmulo e da coexistência de funções profissionais é uma das vias geradoras de “autonomia tática” (Canclini, 2010, p.245) para novos empreendimentos. Dentro da cena musical carioca, os integrantes de bandas em início de carreira “têm outras funções dentro do organismo banda” além de serem apenas músicos, o que lhes permite ganhar agilidade e autossuficiência, dispensando um custo com serviços de terceiros que seria inviável numa fase em que a banda ainda não ganha muito dinheiro. “São Djs/designers/fotógrafos/ músicos/produtores”, conta Diogo Strausz, que está fazendo um documentário no qual “em vez de apontar as dificuldades das bandas e da cena roqueira carioca, resolveu mostrar como a nova geração a faz funcionar” (*O Globo*, 09 de setembro de 2010).

Entre as pessoas com quem conversamos, o procedimento *slash* e o “virar” diversas vezes figuram como solução contingente para tornar viável uma atividade profissional, como no caso das bandas de rock documentadas por Diogo. É contundente o caso de Gabriela, endocrinologista/poeta/música/DJ, que cultiva todas as atividades em simultâneo como profissões, nenhuma delas ocupando

mero lugar de *hobby*, e cada uma retroalimentando as outras, seja com recursos financeiros, seja com ideias para resolver de forma singular problemas e impasses. Gabriela adquire, assim, no exercício de suas habilidades em conjunto, uma via muito própria pela qual constrói localmente sua autonomia. Não é apenas a renda estável que tem como médica que viabiliza os investimentos na poesia e na música: também estes, inversamente, lhe dão a flexibilidade, o ritmo e a habilidade com encaixes e tempos, sem os quais Gabriela não conseguiria dar um jeito de cumprir o atendimento médico em consultas de 15 minutos, conforme exigido pelo plano de saúde para o qual trabalha.

Se a lógica do virar é caminho para arranjos idiossincráticos que permitem atingir circunstancialmente autossuficiência e “dar conta do recado”, é também um fenômeno diversas vezes atrelado, mais amplamente, a um novo desenho mais situacional e presentificado da vida profissional, no qual a carreira pensada como *totalidade* cede lugar a uma autonomia do fragmento: a cada projeto, é possível mudar de posição e de atividade e “aprender fazendo”, incorporando novas habilidades. “Ninguém é mais uma coisa só”, decreta o descolado colunista Tom Leão, em matéria sobre a *slash generation* publicada pelo jornal *O Globo* em 09 de setembro de 2010.

A carreira linear, sequencialmente cumulativa e unidirecional, visualizada sob a forma de uma “escalada” que produziria paulatinamente um especialista, tende a dar lugar a um funcionamento por projetos (em sucessão ou concomitância), em uma vida profissional marcada pela simultaneidade e pela multidirecionalidade das atividades; por uma notável colocação no mesmo plano de importância dos valores do prazer e da boa remuneração.

Inúmeras são as gradações dentro desta direção comum que se visibiliza como tendência: a de não se abrir mão nem de ganhar dinheiro nem de se fazer o que gosta. Para conciliar os dois investimentos, não há fórmula nem padrão normativo. Os modos de fazer são singulares e situados: o que os aproxima como funcionamento é antes a forma *consequente* com que os trabalhos são aceitos ou recusados, os projetos são construídos, os colaboradores são convocados e todo o entorno é levado em consideração, tanto em suas potencialidades de ativação, como em suas restrições contingentes.

A subjetividade situada e a lógica consequente: hologramas e ativações

A cautela que emerge desta lógica consequente é, no entanto, completamente diferente da obsessão disciplinar do especialista – a imagem moderna do

trabalhador qualificado. Esta última confere com o indivíduo da *Bildung* romântica tanto quanto com a crença iluminista no progresso e na capacidade humana de conduzi-lo; assenta-se inteiramente no repertório ocidental moderno da perfectibilidade. Bem se encaixa, ainda, na maneira como Urry (2000, p.188) descreve o funcionamento *gardener* – guiado por “uma excepcional preocupação com o padrão, a regularidade, a ordem, com o que está crescendo e o que deve ser removido” – do jardim ou, no caso do especialista, da sua carreira profissional. Do mesmo modo que o *gardener* opera a partir da separação intrínseca entre ele próprio e o jardim, o especialista também opera a partir de uma estrita cisão entre vida pessoal e carreira, colocando em domínios opostos e complementares o lazer/prazer e o trabalho/obrigação, o espaço doméstico/íntimo e o espaço profissional/ público.

Sem dúvida há, na tendência contemporânea à mistura desses domínios, uma dimensão de captura capitalista de valores e aspectos da vida que outrora ficavam de fora, para o bem e para o mal, do mercado produtivo, produzindo a orientação por projetos e pelo “virar” como “coerção na flexibilidade” (Urry, 2000). Mas há, também, no procedimento cauteloso (Latour, 2008) de desenhar a vida profissional em relação contingente e aberta com a ocasião e com o entorno, toda uma produção de *liberação* num plano mais molecular, no qual vemos que os agentes têm a clareza do “novo espírito do capitalismo” e jogam *com* ele – nem *contra* ele, como nos pretéritos movimentos contraculturais, nem meramente a favor, na condição de simples e obediente “reflexo”, como nossas ferramentas conceituais sócio-antropológicas tenderiam a decretar. Há modulação microscópica, contingente – “bacteriana” e “astuciosa”, como diz De Certeau (1994) – neste “fazer com” e neste “virar”. Longe de ignorar que a economia de projetos e a lógica de resultados têm sua face normativa e são parte de um movimento de “expropriação do comum” (Negri; Hardt, 2005), de captura dos valores da criatividade e da singularidade do novo “cognitariado”, e de desoneração do capital dos custos legais de contratos, benefícios e direitos trabalhistas (Sennet, 1999) – a gestão da vida profissional pelos jovens com quem convivemos faz-se justamente na clareza destes desafios e “perigos” e num corpo-a-corpo com eles (Cf. Machado Pais, 2001). Daí desenhar-se na afirmação da importância de arriscar, como veremos abaixo, porém igualmente na importância de calcular tal risco de modo consequente.

A lógica consequente aproxima-se, assim, antes ao funcionamento *gamekeeper*, que ocupa-se não do planejamento e da determinação dos percursos e dos resultados, mas em cuidar das “condições para uma boa caça” (Urry, 2000, p.189). A habilidade, aqui, não é medida pelo acerto ou pela certeza, até porque não há modelo nem métrica prévios; emerge antes na capacidade de lidar com situações

cambiantes e extrair possibilidades da ocasião. Tanto a carreira quanto a formação profissional, deste modo, acontecem, como diz Guilherme, como “*rolling wave plans*, porque as coisas mudam completamente e você tem que se programar ao longo” – ou se reprogramar a cada vez, a cada “ciclo iterativo”. Este é, com efeito, um modo de operar à maneira da iteração autopoietica (Maturana; Varela, 1997; Urry, 2000), na qual o saber sobre o sistema emerge conforme se constrói o sistema, no uso e na experimentação, na incorporação dos *outputs* como novos *inputs*.

O “virar”, embora aconteça de modo responsável e ponderado, como decorrência de se proceder explicitando as possibilidades de ação disponíveis no entorno e produzindo conexões e relações a partir desta clareza, *não é* planejado à maneira da planta que serve de modelo orientador para uma construção arquitetônica. Aponta, ao contrário, para um funcionamento antes por *esboço* (Sennet, 1999): um “planejamento estratégico”, como diz João, empreendedor que administra de galerias de arte a restaurantes e hotéis, “não pra te amarrar, e sim para te impulsionar, ter perspectivas, pra você ter clareza das coisas que você deseja alcançar e que te movem”. O esboço é, assim, o desenho de um *ponto de partida, não de chegada*: um mapeamento do entorno, das possibilidades e dos desejos, das restrições e das necessidades – uma ferramenta de explicitação que permite gerar como que um *holograma* para agir. Visibilização das consequências cruzadas de ações e escolhas, que permite projetar não uma determinação de causas e efeitos rígidos, mas a colocação hologramática dessas escolhas em uma rede de múltipla afetação, permitindo a emergência de uma clareza localizada através da qual se torna possível, a cada vez, “micro-situar-se” ética e responsabilmente no mundo.

Mas tudo isso justamente para poder “arriscar e errar mais do que acertar”, como sublinha João: “para *estar pronto* para lidar com uma esfera que é sempre imprevisível”. Mais ou menos como faz Frederico – historiador/escritor/curador/pesquisador/DJ/produtor de festa e mais outros tantos *slashes* – para “não ter medo do acaso”: “Gosto do acaso, vivo aberto a ele, mas para eu estar aberto a isso, preciso estar com as coisas muito bem definidas, ter uma dinâmica. Sou um cara metódico”. O músico Felipe também vê assim o papel dos seus “planos”: “As coisas são quando você está no presente, mas se eu não tiver esses planejamentos, a vida não tem direção”.

Este procedimento micro-ético explicita, pois, que a recusa da “planta” como modelo para projetar-se no futuro não resulta em uma ação romanticamente inconsequente – movida pela pulsão e pelo escape, como percebíamos entre os protagonistas das viagens lisérgicas e do desbunde nos anos 1960/70 (Cf. Almeida; Eugenio, 2008) –, mas em um *salto nunca sem rede*. Patrícia, produtora de cinema e

atriz, diz que seu desejo “é abstrato, é um lugar”: o lugar, no seu caso, vem sendo desenhado e construído através da montagem de uma rede. Decidiu que quer tornar-se *performer*, e por isso aceitou recentemente ganhar menos do que no cinema para integrar como produtora o *staff* do maior festival de dança carioca. Ganha na ampliação da rede de contatos e no acesso cotidiano ao trabalho de outros *performers*. Mas seu movimento “não vai nem um pouco no sentido *hippie* de largar tudo”. É uma arte das doses, diminuta e atenta, para manter a rede que já tem e ao mesmo tempo ampliá-la, para continuar a ganhar dinheiro e ao mesmo tempo “se liberar” para cultivar um terreno artístico que descobriu recentemente. “Arco com consequências muito dramáticas para ter cada vez mais o controle sobre o que faço, sobre meu processo criativo, mas não posso ser absolutamente impetuosa”, diz ela. Gerar a rede é, assim, cultivar um “entre” para multiplicar as possibilidades. E é mesmo de geração de rede que se trata o *holograma*, que permite visualizar as conexões que uma escolha terá com outras, as múltiplas implicações, i.e., suas *multiplicações*. O *salto com rede* pode também ser entendido como um salto que faz sua própria rede ou a refaz incessantemente, no sentido de que cuida da que já possui consequentemente, quando é o caso da pessoa já contar com uma rede de amparo familiar ou social, ou cuida em produzi-la, quando não é no caso.

É preciso, pois, que haja um esboço para dar *direção* à ação. Mas é preciso também que este seja aberto a acolher imprevistos e acidentes, fazendo deles a matéria com a qual trabalhar e inventar, cultivando habilidades em ato. É como diz João sobre seu restaurante: “Imagino que vou vender caipirinha pra caramba, mas depois começo a ver que estou vendendo mais cerveja, água e refrigerante, aí as coisas mudam, *preciso mexer no que imaginei a partir do atrito do real*”.

Por isso, como diz Marcelo, engenheiro civil e consultor de negócios, é preciso *aprender fazendo* algo que não se ensina: “ficar no meio termo entre planejar e curtir a carreira”. Emerge aí a figura do risco, mas um risco bem temperado de prudência. Uma aposta, não na certeza do que vai acontecer, mas feita a partir da clareza do que está acontecendo. É assim que, diversas vezes, o “virar” toma o aspecto de uma grata surpresa, como para o advogado criminalista Daniel, que preparava doces para os amigos por prazer, quando, há cinco anos, deu-se conta “que existiam possibilidades profissionais que a gente, inicialmente, nem supõe”. Acolheu, assim, seu interesse crescente por inventar receitas cada vez mais inusitadas de *cupcakes* e acabou *virando* um cozinheiro especializado em doces. Vende as iguarias, cada vez mais concorridas, pela internet, e viu sua trajetória profissional “insólita” ganhar matéria de destaque na *Revista do Globo* de 01 de agosto de 2010.

Esse “acaso manipulado” (Deleuze, 2007), encontrado na observação atenta da situação em que se vive no momento e ativado deliberadamente como

possibilidade, é um dos mais marcados atravessamentos comuns nas diferentes trajetórias profissionais que acompanhamos: é através desse procedimento que cada pessoa obtém, à sua maneira, a conciliação entre ganhar dinheiro e ter prazer com o que faz.

Emanuel, o Manu, curador do festival de filmes feitos com celular Estética Central, mas também um colecionador de *slashes* – é operador de câmera, editor, produtor, documentarista, músico, e já trabalhou como “faz-tudo” em outros momentos da vida – conta que nunca deixa de fazer trabalhos *freelance* em paralelo com sua atividade principal do momento, e que seu procedimento sempre foi “lidar entre uma coisa lá em cima e outra coisa lá embaixo”. O importante, segundo ele, é o critério “ou você ganha pouco por aquilo, mas te satisfaz fazendo, ou então é uma parada que você não gosta, mas que você vai fazer porque paga o seu aluguel”. Trabalhar no Estética Central “não me tira a possibilidade de eu trabalhar também em outros micro-projetos”, diz Manu:

Vai muito da proposta do projeto. Se for uma coisa que não me toma muito tempo, que eu já sei como funciona e simplesmente vou lá e faço, sem comprometer a prioridade do Estética, é mais uma coisa que eu vou fazer e, se tiver tempo, vou fazer mais outra. Por exemplo, eu faço muito *freela* pro Oi Futuro. Eu já entendo o modo que os caras trabalham, vou lá, faço meu trabalho e retomo minhas paradas. São aquelas quatro horas ali e pronto.

Belão, parceiro de Manu, reforça essa disposição por agir modulando-se de acordo com o entorno e as circunstâncias: “Hoje eu não tenho dinheiro e vou vender picolé na praia, a vida é de acordo com a necessidade”. Belão já foi de tudo, como ele conta: de bombeiro a camelô, até que, junto com Manu, entrou no Kabum – curso de audiovisual oferecido por uma ONG como parte de um projeto social – e começou a “aprender fazendo” novos ofícios. Outras possibilidades se abriram e eles começaram a explorá-las, fazendo *com* a ocasião.

O acúmulo de atividades em paralelo, com maior ou menor grau de investimento de si, é uma das táticas empregadas nesse funcionamento por projetos que se visibiliza no novo agente criativo contemporâneo. Renata, produtora de cinema, teatro e publicidade, que “faz de tudo o que aparece” fala sobre sua tática:

No começo do ano me mudei pra Bruxelas para fazer mestrado em Relações Internacionais; quero trabalhar com isso e estou estudando e investindo, mas também preciso da grana, até pra pagar esse desejo, então não abandono os *freelas* que surgem no audiovisual. Agora vou ficar esses três meses no Rio fazendo um longa, e isso vai pagar o próximo semestre em Bruxelas. Lá eu

trabalho num café, já fiz *catering* e também faço *freelas* de cinema, o que aparece.

Renata teoriza com clareza sobre sua tática usando uma curiosa metáfora:

É que nem fazer ovos com bacon. A galinha entra com o ovo, mas o porco entra com a vida dele. Então, em cada trabalho você tem que calcular o grau de energia necessário: tem trabalho em que a gente é porco e vai com tudo, se envolve intensamente, porque quer ou porque precisa ou pelos dois, mas tem outros em que basta ser galinha.

Ela classifica como “covarde” o comportamento daqueles que preferem a “ilusão da estabilidade” oferecida por um emprego fixo – o que bem se conecta à ponderação de Deleuze e Guattari (1980), “o medo é molar, a clareza é molecular”. Enquadrar-se ou submeter-se tem suas vantagens em termos de apacramento e pacificação: não se tratará jamais de sua desativação integral. Mas avoluma-se, hoje, a tendência a desenhar a vida profissional como acontecimento emergente, a partir do agenciamento filigranar de desejos, singularidades, ocasiões, brechas e oportunidades. Rodrigo diz que “para ser empreendedor precisa ter coragem”, o que não é o mesmo que ser inconsequente: assim, mantém-se no seu emprego em um banco de investimentos enquanto investe em um negócio próprio inovador, a Frugale, que vende lanches saudáveis dentro de escritórios, acionando para isso carrinhos como os usados em aviões.

Erica, engenheira de apenas 20 anos, também está montando seu negócio próprio, mas fala que isso não é um desejo generalizado entre suas amigas:

Uma amiga minha veio me perguntar o que eu achava dela ser efetivada no HSBC e eu disse que era perfeito para ela, porque é aquela coisa de emprego estável, ter tempo pra ir pra casa. Mas é o completo oposto do que eu quero. Sou muito inquieta, senão tiver para onde crescer vou perdendo o interesse.

Seguindo a direção dos próprios argumentos de Erica, vemos emergir algo muito diferente de uma definição capaz de encerrar de modo encompassador toda uma geração e figurar como diagnóstico de época, tão ao gosto das sociologias da juventude. “O que ela quer é aquilo, o que eu quero é outra coisa, é não estar no mesmo lugar que eu estava ontem e anteontem, com aquele salário fixo, chegar às 8 e sair às 5”. É uma questão de *encaixe* contingente, a ser buscado por cada um. Daí caberem quaisquer conteúdos nos arranjos; a acusação de capitular ao medo aparece antes para descrever aqueles que desativam a capacidade de explicitar-operacionalizar a própria vida profissional e meramente deixam-se capturar.

Leonardo, sócio de uma editora, que é também produtora de festas e bandas, concorda:

Tem muita gente nova que se perde nessa ideia, vira burocrata, ou vai trabalhar no mercado financeiro. São os *grandes ladrões de mente* hoje em dia, o funcionalismo público e as empresas grandes, com esse apelo do salário garantido. O garoto tem 23 anos e entra nessa com o projeto de trabalhar 40 anos pra se aposentar. Não faz muito sentido, prefiro ter a ideia que vou ter um trabalho em que vou ter prazer pelos 40 anos. As pessoas perdem a chance de arriscar quando são jovens, ainda não têm filho, mas já têm a possibilidade de trabalhar e ganhar seu dinheiro.

“Equilibrar os pilares” é fundamental, diz Guilherme: a estabilidade financeira não pode custar a satisfação profissional, e nem o contrário. E tampouco uma pode adiar a outra. O modo de produzir essa conciliação varia imensamente nas vidas profissionais de cada pessoa que encontramos, mas o desejo desta mistura percorre todas elas: o virar aponta para um modo de vida que elege o conectivo “e”, desacreditando de incompatibilidades determinadas a priori (ou dinheiro ou prazer; ou trabalho ou lazer; ou carreira ou vida pessoal etc.) e descartando o modelo compensatório do modo de vida orientado pelo “ou” (Eugenio, 2006).

Segundo Guilherme, a satisfação é algo que “requer distribuição”; não está ligada a um “motivo específico, mas a você conseguir equilibrar tudo isso”. Tudo isso o quê?

Não é só porque eu trabalho com um cliente bacana, ou exclusivamente porque meu salário é legal ou meu faturamento no projeto é bom; não é só porque eu consegui criar campanhas ou soluções que foram bem utilizados, bem aceitos, que estão funcionando bem. Não é só isso, é um pouco disso tudo. Eu acho que se for só uma dessas coisas, tipo, você trabalha num lugar que detesta, não consegue conviver com aquelas pessoas, não aguenta a cara daquele cliente, mas aquilo paga muito bem, então... você está realmente satisfeito?

Essa pergunta, essa ponderação, deve ser feita ao mesmo tempo em que se age: é ela o mecanismo de explicitação e, simultaneamente, também é ela o mecanismo de operacionalização. Reflexividade imanente, não inibidora, mas propulsora da “ofensividade da ação” (Sloterdijk, 2006). Toda uma *prudência* (Deleuze; Pernet, 1998) empenhada não em atender aos próprios objetivos e metas, mas em construir o terreno para o desejo acontecer: não é, como diz Deleuze, nem a lei nem a falta que produzem o desejo, mas uma paisagem, um

diagrama que é desenhado para que o desejo produza. Desenhar essa paisagem, construir esse esboço consiste mesmo, literalmente, em “desenhar um mapa das possibilidades e ficar olhando, agir com ele”, diz João.

Dyonne, que é jornalista, produtora, e também atriz e bailarina, “virou” justamente quando desenhou esse mapa. Tinha um “superemprego” na Rede Globo e, há dez anos, abandonou-o para fundar uma ONG. A decisão nada tinha do *drop-out*, do desbunde ou da resistência que ela acompanhou quando criança na geração de seus pais artistas. Enquanto trabalhava na TV, Dyonne ia ao mesmo tempo calculando o entorno – “aquele sistema” – *em relação* com suas próprias disponibilidades, características, temperamento etc. Percebeu que não formavam, juntos, uma boa *affordance*³.

Era uma pressão externa de competição com outras empresas, investidores e acionistas que opinavam o tempo todo, uma pressão feita só de números, e você ali trancado há semanas comendo pizza, sem vida pessoal. Tinha pessoas que tinham uma natureza para aquilo, mas eu não. Por exemplo, tinha um menino que resistia super bem àquilo tudo, era gordinho, autoritário, tinha uma noiva, ele queria comprar uma casa própria, era toda uma vida a longo prazo. E a minha não era. Eu queria viver o agora. Percebi que aquilo não era pra mim, eu não quero abrir mão da minha vida pessoal. Comprar casa, ficar rica: *o fim me interessa, mas o meio não*. Prefiro ir mais devagar, mas ir do meu jeito, fazendo o que me interessa como valor. Por que... qual o objetivo? Ficar milionária? Não pode ser a qualquer preço, então tem que saber o que você está apostando e decidir.

É assim, também, que se posicionou Duda diante do seu diagrama de situação. Com apenas 19 anos, estudante de Economia, começou a investir na bolsa de valores e fazer uma pequena fortuna, cultivando uma capacidade de

³ A releitura que faz John Urry (2000, p.205) desta noção de *affordance* criada por James Gibson (1977) constitui-se em valiosa ferramenta para a amplificação das novas abordagens da criatividade. Entre as adaptações deste conceito, sublinhamos, também, a realizada por Donald Norman (1988) para o contexto da interação homem-máquina a fim de referir-se apenas àquelas possibilidades de ação que são prontamente percebidas por um ator. Na esteira dessas releituras buscamos aqui ampliar mais ainda sua rede de sentidos, ao cobrir como *affordances*, por exemplo, as propriedades que, tanto objetos, quanto sistemas de possibilidade de ação possuem de nos convocar a nos “relacionar com”. (Tratar-se-ia, digamos assim, de uma espécie de “convocância”, na sugestão pessoal de Fernanda Eugênio.) No campo da interação entre tecnologia e *design* podemos nos expressar, por exemplo, em relação a uma *Web Page* como tendo uma boa *affordance*, da mesma forma que, quanto ao lançamento de um novo jarro d’água, dizendo que ele necessita de maior *affordance* para se tornar agradável de ser segurado pelas mãos.

conexão de informações e velocidade de resposta que lhe dava uma agilidade notável para “hologramar” as ações que iriam subir ou despencar. Mas ficava nervoso, “não tinha estômago”: decidiu parar e mudou de curso para Administração. “Vi que não ia aguentar fazer isso o resto da vida, ficava pensando nisso o dia todo, acompanhando cotação no celular, vendo, compro, um estresse. Por mais grana que eu pudesse ganhar, não vale a pena. Eu ia ficar velho muito rápido. Não quero isso”.

Suspender a vida pessoal pela profissional, fazer o que não se gosta só pelo dinheiro – são coisas possíveis se ocasionais e temporárias, e se forem elas próprias as condições de possibilidade contingentes para viabilizar o que se quer. Como quando Manu aceita um trabalho extra que garante o aluguel e não lhe toma muito tempo nem esforço. São coisas possíveis, portanto, “mas não a qualquer preço”: possíveis se também for possível atendê-las com um gasto mínimo de energia – o da “galinha”, não o do “porco”. Como diz João, “na balança você tem que ter mais prazer do que desprazer”.

Mas devemos resistir à tentativa interpretativa, aqui, de decretar nessa postura a subserviência a uma felicidade ou bem-estar tornados mandatórios, a gerar “corpos intolerantes às asperezas da vida” (Le Breton, 1999) e exclusivamente dedicados ao “mimo” (Sloterdijk, 2006). O desejo é, como dizem Deleuze e Guattari (1980), antes uma produção ascética que hedonista: acontece *na tensão* com as mudanças e retenções do mundo do trabalho e com a pronunciada preocupação com a segurança e a estabilidade financeira; é produção diligente de equacionamento, que aceita a “aspereza” para poder recusá-la. Não há, de antemão, nenhuma hipótese decretada como impossível ou certamente negativa. De passar em um concurso público para garantir um salário fixo a manter a carreira; de conciliar ou não essa carreira com o investimento em simultâneo em atividades temporárias ou em negócios próprios; do sucesso em reunir no regime de projetos o dinheiro e o prazer ao questionamento generalizado da ideia de segurança mesmo na carreira tradicional; da recusa total do regime carreira em favor da mobilidade ao seu endosso também total, na ideia de que seria possível, através dele, “comprar tempo livre” (como diz o publicitário e dono de galeria de arte virtual Charles) para investir em projetos paralelos ou flexibilizar o horário de trabalho. A produção de conexão entre ganhar dinheiro e ter prazer com o que se faz acontece, assim, como “enraizamento dinâmico” (Maffesoli, 2003).

Este é um ponto nodal, no qual, a princípio temos o ímpeto analítico de apontar uma contradição. Pois o elogio da mistura e da instabilidade, o prazer com a transformação constante do entorno e das atividades, o acionamento ágil e pronto de um procedimento migrante a todo instante, a simplicidade quase profana sintetizada no “virar” – tudo isso vai junto com a presença constante do tema dinheiro/segurança/estabilidade, às vezes como apreensão, às vezes como

queixa ligeira, às vezes como pronunciada vontade. Mas esta questão não é nem narrada nem vivida como “fardo” ou “imperativo”, diagnósticos que emergem de imediato se cedemos a um automatismo interpretativo. Aparece como sintonia fina, como trabalho sobre as consequências; um pensar-fazer que desenha por esboço o território e a direção das ações, como vimos. E no dia a dia de trabalho que acompanhamos entre diversos jovens, esse funcionamento não pesa sobre os ombros senão eventualmente. Há uma destreza em “fazer mil coisas ao mesmo tempo e não perder ideia de bobeira”, como diz Mateus, ator e roteirista. Trata-se de um cálculo fino, porém ágil e desejavelmente leve. Um *empenho*, mas não um esforço – nem um *desempenho*. Há uma seriedade e um engajamento de si, um não-recuo, uma tomada de posição. Tudo isso não se encaixa bem nos diagnósticos pós-modernos da opressão travestida de elogio da *performance* e do *desempenho* (Cf. Lipovetsky, 2007), quando observamos em ação esses jovens criadores em suas operações microdiferenciadas, ressitando-se com agilidade de resposta e clareza. Um fazer-se “justo”, mas não “adequado”, produzindo para si um “meio”, mas não o enquadramento em uma “média” (Deleuze; Parnet, 1998).

Mas esperar a aposentadoria para curtir a vida, trocar o prazer pelo salário fixo, desejar a estabilidade do emprego público, aceitar comer pizza em meio à correria do escritório – isso tudo também é parte da vida profissional de muitos jovens que, por vezes, estão na mesma rede de contatos e amizades daqueles que acompanhamos. E mesmo aí não se pode deixar de notar que há a presença deste “fazer com o que se tem”, tingido por vezes de especificidades ditas locais, brasileiras, tanto quanto singulares e biográficas. A comparação com outros países surge várias vezes nas conversas, emerge aqui e ali um fantasma de insegurança, instabilidade, memórias de infância dos tempos de inflação, o espectro de frases feitas como “ir parar embaixo da ponte” etc. A tendência à flexibilidade, à mobilidade e ao funcionamento por projetos convive e conversa, assim, com outros modos de vida. Por outra, diversas vezes é também algo de “brasileiro” que é convocado para pensar a leveza e a agilidade de operar consequentemente, ou para descrever a matéria com a qual se constrói uma singular capacidade para atuar na mistura, no improviso e na incerteza. O “virar” pode estar sendo convertido em valor pelas mudanças recentes do capitalismo rizomático, mas é também remetido ao velho “jeitinho brasileiro”. Uma capacidade de operar no precário e de “fazer com o que se tem”, que – nesses tempos em que “o futuro é que virou Brasil”, como diz Viveiros de Castro (2008) – pode até ter sido promovida a novo valor *mainstream* pela economia criativa, mas não o suficiente para cancelar seu potencial de ser experimentado como via *antropofágica* para a construção de “autonomias táticas” (Canclini, 2010) no cotidiano profissional.

Encontrar uma “brecha de virtualidade” inexplorada a partir de um

procedimento de *pick-up* (Deleuze; Parnet, 1998: 27), que fragmenta e reagrupa em arranjos criativos o que já está no mundo; fazer antropofágico que mistura explicitação e alguma ousadia: eis o recurso acionado muitas vezes pelos jovens profissionais que conhecemos para, justamente, driblar “realidades duras”, brasileiras ou não (Cf. Machado Pais, 2010). Todo um trabalho pela “invenção de possíveis”; um arriscar ponderado e colaborativo. É através desse construcionismo minucioso, ganhando ou perdendo a cada vez, que esses jovens profissionais encontram modos para conjurar cenários sombrios, sempre passíveis de se consumir – como os da competição, do desemprego, da insatisfação profissional, da pressão por resultados etc.

Uma aposta na liberação como “tática”

Ao final desta reflexão, que ainda se caracteriza como um trabalho em processo, apostamos na sugestão de um contraponto para os modelos mais duros das interpretações que advogam a entrada em cena de uma nova e asfiantante normatização das condutas na sociedade contemporânea (Cf. Le Breton, 1999; Bozon, 2004). Ao contrário de uma nova normatividade, sugerimos, em relação a ela, não uma oposição euclidiana e ingênua, que se encarnaria na leitura adjetivada de um processo de liberação.

Propomos compreender a liberação em sua qualidade de advérbio de modo, tendo em mente uma forma de se colocar em marcha ou em operação que não está radicada no ser e que produz, a cada vez, um “pirateamento” infinitesimal e infiltrado da norma, uma vez que opera “de dentro”, e não como oposição ou escape. Como procuramos exaustivamente descrever e demonstrar, as subjetividades que atravessam os processos criativos em pauta, no âmbito da sutileza do jogo flexibilidade/coerção⁴ de Urry (2000), operam por captação e soltura *versus* o funcionamento do “Império” (Hardt; Negri, 2006), que fala cada vez mais a mesma língua “rizomática”, mas asseptizada, uma vez que opera por captura e resultado.

Tal como no estudo de Richard Sennet (2009) sobre a imagem da preensão na mão — fruto de suas observações junto aos cozinheiros japoneses e ao manejo que possuem das facas para o corte dos peixes — destacamos o “agarrar” que

⁴ O próprio fato de o Estado tomar a forma do *gamekeeper* nos permite pensar a abertura de brechas para os jogos astuciosos da liberação: “O Estado provê a licença e a infraestrutura, para aqueles que vagueiam e perambulam, mas não *onde* e *quando*” (Urry, 2000, p 191, grifos e tradução nossos).

envolve o “saber soltar” ou o “ato de liberar”. A apreensão é o “estado de alerta”, ou a copresença permanente do pensar e do fazer (Sennet, 2009), tantas vezes encontrados nas trajetórias e experiências profissionais dos agentes criativos com os quais trabalhamos. O cálculo da *força mínima* (como a empreendida pelo movimento da mão do cozinheiro japonês): a pressão/tensão necessita ser *diminuída*, trabalhada, remetabolizada, e não aumentada, no modo, por exemplo, como lidam esses jovens com a competição, a fim de gerar movimento fluido. Agir “involutivo” (Deleuze; Parnet, 1998), que se simplifica ao invés de complexificar, fabricando precisão e prontidão.

Entendemos, portanto, a liberação como precisão, obtida por gerenciamento da tensão e da obtenção de tranquilidade: como uma “ética do soltar”. Liberação, portanto, não como uma condição de interiorização dos controles, tal como emblematizada na hipótese civilizadora de Norbert Elias (1994). Geração de concentração/foco/direção/andamento/ritmo (e não impulso) são trabalhados pela via da copresença entre o pensar e o fazer, o olho e a mão.

Hardt e Negri (Cf. 2005, 2006) direcionaram suas últimas análises a uma ampla reflexão sobre o trabalho imaterial e as sensíveis mudanças subjetivas dele oriundas. À relação dialética capital/proletariado/trabalho e seu indissociável conceito de revolução, vemos se opor o conceito de potência que, no capitalismo cognitivo dos dias de hoje, traz o cognitariado como seu principal agente. Mesmo tendo que lidar e trabalhar com o cenário do capitalismo rizomático que captura os valores da imaginação e da ludicidade, os processos astuciosos da liberação se fazem valer e mostram seus efeitos em relação a formas de se lidar com as vicissitudes da rotina, com o imprevisto, com o inesperado e com a própria competição.

No universo contemporâneo das relações de trabalho é impossível desconsiderar as dilacerantes e perturbadoras relações de copresença entre os novos agentes criativos, cuja ação no mundo acompanhamos, e os traços remanescentes da sociedade fordista, como os encarnados pela figura dos atendentes de telemarketing, assim como pelos inúmeros bolsões de trabalho semiescravo, cuja erradicação ainda soa remota e descuidada.

Como conclusão provisória, e procurando trabalhar entre o dentro e fora, numa ampla rede de negociações, a liberação, como produção do *dissenso sensorial* (Rancière, 2010) é a arte da iminência, do quase, do que não se fecha, do inconcluso, cujo feixe de virtudes e achados inesperados procuramos com este trabalho, começar a explorar.

Referências

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. Da criatividade romântica à colaboração situada: Diagrama da criatividade contemporânea. **Seminário Internacional - Criativização da Profissão, Profissionalização da Criatividade**. Lisboa, ICS/UL, out. 2010.
- _____. Paisagens existenciais e alquimias pragmáticas: uma reflexão comparativa do recurso às 'drogas' no contexto da contracultura e nas cenas eletrônicas contemporâneas. In: LABATE, Beatriz *et al.* **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: Edufba, 2008, pp.383-408.
- BERQUE, Augustin. Raison trajective et dépassement de la modernité - en hommage à Nakamura Yūjirō. **Revue de Philosophie Française**, n. 5, 2000, pp.29-48.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **Le nouvel esprit du capitalisme**. Paris: Gallimard, 1999.
- BOZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria Luiza. (org) **Família e sexualidade**, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004, pp. 119-153.
- CANCLINI, Néstor García. **La sociedad sin relato**. Antropología y estética de la inminencia. Buenos Aires/Madrid: Katz Editores, 2010.
- DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon. Lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992, pp. 219-226.
- _____. ; GUATTARI, Felix. **Milles plateaux**. Paris: MInuit, 1980.
- _____. ; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- EUGENIO, Fernanda. **Hedonismo competente**. Antropologia de urbanos afetos. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2006.
- _____. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.
- LATOURETTE, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory**. London: Oxford University Press, 2005.
- _____. A cautious Prometheus? A few steps towards a philosophy of design (with a special attention to Peter Sloterdijk). **Keynote lecture**. Seminário Networks of Design. Cornwall, 2008.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papyrus, 1999.
- LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.
- MACHADO PAIS, José. **Ganchos, tachos e biscates**. Jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.

- _____. **Lufa-lufa cotidiana**. Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: ICS, 2010.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos**. Autopoiese, a Organização do Vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**. São Paulo: Zouk, 2003.
- PELBART, Peter Pál. **Vida capital**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.
- SENNET, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.
- SLOTERDIJK, Peter. **Le palais de cristal: À l'intérieur du capitalisme planétaire**. Paris: Maren Sell Éditeurs, 2006.
- URRY, John. **Sociology beyond societies**. Mobilities for the twenty-first century. London/New York: Routledge, 2000.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Uma boa política é aquela que multiplica possíveis. In: SZTUTMAN, Renato (org). **Encontros com Eduardo Viveiros de Castro**. Rio de Janeiro: Azougue, 2008, pp.226-259.

AUTONOMIAS TÁTICAS:

Criatividade, liberação e inserção profissional juvenil no Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo debruça-se sobre transformações que vem se operando nos processos de profissionalização jovem pautados pela valorização do aprender-fazendo em detrimento da trajetória em “escalada” dos tradicionais ideais da carreira. Neste sentido, atribui-se uma especial atenção ao mecanismo do “virar” entre os jovens com os quais convivemos. Ou seja, um aprender enquanto se faz, fazer-aprender, aprendizado ininterrupto, fora de quadro, que acontece em simultaneidade com o exercício profissional. Ao lidar com o contemporâneo mundo do trabalho, os jovens pesquisados acionam um funcionamento que se aloca na própria tensão da solução contingente de um duplo desafio: extrair prazer da profissão e assegurar a estabilidade financeira. Vêem-se, assim, às voltas com um modo de operação “consequente”, que ganha contornos singulares dentro do contexto brasileiro. Destacam-se aqui os valores atribuídos à “iminência” e ao “acontecimento” como ingredientes no refazer incessante de uma “circunstância de imunidade” em relação aos enquadramentos duros ditados pelo mercado de trabalho.

Palavras-chave: criatividade, juventude, profissionalização, subjetividade situada.

**STRATEGIES OF TACTICAL AUTONOMY:
Creativity, liberation and labor market insertion
of young people in Rio de Janeiro**

Abstract

This article focuses on changes that has been operating in the process of young professionalization guided by appreciation of *learning by doing* rather than the stress on the traditional ideal of career trajectory. In this sense, is assigned a special attention to the mechanism of "flip" ("virar") among young people we followed. That is, a *learning while doing, make-learn, continued learning*, out of frame, which takes place simultaneously with the professional exercise. When dealing with the contemporary world of work, the youngs researched trigger mechanisms that are allocated in the tension of a contingent solution of a double challenge: to extract pleasure from the profession and ensure financial stability. They see themselves thus, caught, in a "consequent" way of operation, which gain singular shapes in the Brazilian context.

Keywords: criativity, youth, professionalization, situated subjectivity.